

REPRESENTAÇÕES DO IMIGRANTE BOLIVIANO: QUESTÕES ENUNCIATIVAS

Alexandre Marcelo Bueno¹

RESUMO: Os meios de comunicação são um espaço privilegiado para compreendermos como se constrói uma alteridade qualquer. Neste estudo, abordamos os modos como a imagem do imigrante boliviano pode ser construída a partir de diferentes posições enunciativas. Mais próximo ou mais distante, **é corrente o discurso sobre o imigrante na mídia digital**. No entanto, há também espaço para que o discurso do imigrante surja e, com ele, produzam-se outros efeitos de sentido que não somente passam pelo controle explícito das escolhas do enunciador. Para mostrar essas posições enunciativas, recorreremos à Semiótica de linha francesa, elaborada por Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores. Esperamos, assim, contribuir para as discussões acerca das representações, mas também das representatividades que grupos sociais *minorizados* devem buscar para não ficar à mercê da construção de suas imagens pelo grupo dominante.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração boliviana. Representação midiática. Enunciação. Interação.

THE REPRESENTATIONS OF THE BOLIVIAN IMMIGRANT: ENUNCIATIVE ISSUES

ABSTRACT: *The media is a privileged space for us to understand how to construct any otherness. In this study, we address the ways in which the image of the Bolivian immigrant can be constructed from different enunciative positions. Closer or more distant, the discourse*

¹ Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo – SP – Brasil. Doutor em Semiótica e Linguística Geral. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP – Brasil. Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Letras. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0798-3615>. alexandrebueno@gmail.com.

about the immigrant in digital media is current. However, there is also space for the emergence of the immigrant's discourse and, thus, for other effects of meaning to appear, not only the ones that are supposed to be kept under the explicit control of the enunciator, according to his choices. To show these enunciative positions, we use the French Semiotics, elaborated by Algirdas Julien Greimas and his collaborators. We hope to contribute to the discussions about the representations, but also about the representativity that minority social groups must build together in order not to be stuck under the construction of their images made and controlled by the dominant group.

KEYWORDS: *Bolivian immigration. Media representation. Enunciation. Interaction.*

Introdução

O papel dos imigrantes para o desenvolvimento urbano, econômico, social e cultural da cidade de São Paulo é um dos temas que sustentam o imaginário em torno da metrópole paulistana. Esses discursos, frequentemente, valorizam o trabalho que imigrantes de origem europeia desempenharam nos séculos XIX e XX, com uma discreta participação dos imigrantes japoneses, principalmente a partir da segunda metade do século passado. Uma das características gerais encontradas nessas histórias se refere ao sucesso dos imigrantes e a sua capacidade de superação das dificuldades encontradas no país, em um claro exemplo do chamado discurso *meritocrático*. No entanto, com os imigrantes e refugiados contemporâneos, vindos de países menos prestigiados, como China, Bolívia, Nigéria, Camarões, Haiti, a mesma euforia não é, decerto, encontrada, ao menos não com a mesma frequência nos meios de comunicação de massa.

Mesmo com essa oscilação de humores, a presença maciça dos novos imigrantes é evidente nas ruas paulistanas. Igualmente visível é o esforço que as comunidades estrangeiras realizam para mostrar algumas facetas de sua cultura e de sua importância para a cidade. Em especial, os bolivianos, atualmente o maior grupo estrangeiro em São Paulo, promovem festas e eventos tanto para acolher conterrâneos em momentos de lazer, quanto para divulgar as tradições culturais e gastronômicas para brasileiros interessados em conhecer um pouco mais sobre a cultura andina.

Nos meios de comunicação, a presença desses imigrantes também é recorrente, principalmente com a evidência que a pauta dos refugiados (que às vezes se confunde com os imigrantes) ganhou nos últimos anos no Brasil, nos EUA e na Europa de um modo geral. A gama de temas que esses discursos mobilizam

é bastante ampla: ela passa pelas questões econômicas (trabalho, desemprego, capacitação profissional), jurídicas (regularização de visto, naturalização, “ilegalidades”), culturais (práticas religiosas, hábitos gastronômicos, músicas e danças) e sociais (formas de acolhimentos, interações, rivalidades entre grupos, saúde e educação). Contudo, os discursos nos meios de comunicação que tratam da presença dos imigrantes não revelam apenas uma preocupação em descrever a situação dos estrangeiros. Como se sabe, discursos servem para manifestar opiniões, pontos de vista e valores do sujeito responsável pela produção de seus enunciados. No caso da imigração não é diferente. Por isso, há discursos que, implícita ou explicitamente, revelam as preferências e os incômodos que a presença de uma dada alteridade lhe suscita em uma determinada situação (por exemplo, quando se menciona a valorização dos estudos por parte dos asiáticos, ou quando se fala sobre o uso do sistema de saúde por trabalhadores “ilegais” que não pagam impostos etc.). Landowski resume bem essa oscilação passional entre a identidade que percebe a alteridade e a julga por algum traço que a seduz ou lhe causa alguma repulsa:

Na verdade, todas as “estrangeirices” do estrangeiro, quer as achemos (conforme o contexto) pitorescas, encantadoras ou execráveis, são aqui objeto de um único e mesmo modo de observação e de avaliação. A atenção se foca pontualmente num pequeno número de manifestações de superfície que nos apressamos seja a supervalorizar, seja a depreciar por si mesmas, sem nos preocuparmos com o lugar que elas ocupam nem, por conseguinte, com o significado que assumem no interior dos sistemas de valores, crenças e ação dos quais fazem parte (LANDOWSKI, 2002, p. 7).

Nesse sentido, os meios de comunicação se mostram um espaço privilegiado para entendermos como parte da sociedade brasileira discursiviza sua interação com a alteridade representada pelos imigrantes e refugiados. Em outras palavras, é nesse espaço que podemos refletir sobre diferentes maneiras de os sujeitos expressarem seus julgamentos e juízos de valor em relação à presença de estrangeiros, produzindo efeitos de sentido diversos (de aproximação ou afastamento, de subjetividade ou de objetividade). É também nesse processo de discursivização que enunciadores elaboram uma certa representação da alteridade, repetindo determinados usos, mas igualmente se abrindo para novos modos de manifestar o outro ou até de fazê-lo se expressar.

O propósito deste texto é o de examinar como diversos meios de comunicação constroem a figura do imigrante trabalhador boliviano no Brasil. Optamos

por algumas reportagens na chamada mídia digital, em especial os textos da *Folha de S. Paulo*, escolhida como um exemplo significativo e paradigmático de como os meios de comunicação, em geral, costumam representar os imigrantes e o processo migratório contemporâneos. Assim, esperamos apresentar um princípio de organização desse universo discursivo para compreender como a identidade local (os narradores dos jornais) figurativiza a alteridade (os trabalhadores imigrantes bolivianos).

Antes de examinar os enunciados selecionados, desenvolveremos sumariamente algumas considerações teóricas para sustentar nossas análises a partir, principalmente, das possíveis posições enunciativas que esses mesmos enunciados nos permitem depreender.

1. Enunciação e ponto de vista

Para tratarmos das diferentes posições enunciativas que se instauram no enunciado, precisamos descrever o campo teórico no qual este trabalho circula e encontra abrigo. Nossa escolha teórica está ligada ao modo como a Semiótica de linha francesa trabalha os diferentes regimes de presença do enunciador e como ele lida com os atores no enunciado que produz.

Tradicionalmente, a Semiótica trabalha com três níveis operatórios na relação entre enunciação e enunciado. Assim, segundo Barros, o enunciador (instância pressuposta ao enunciado) delega a voz ao narrador, segunda instância, que se torna um simulacro da enunciação no enunciado. Esse narrador pode, por sua vez, delegar a voz a um interlocutor que, então, assumirá a instância do enunciado ao proferir um “eu” (BARROS, 2002).

A enunciação é, ainda, a instância responsável pela instauração das categorias de pessoa, tempo e espaço no discurso. Essas categorias são produzidas por meio de duas operações básicas: a *debreagem* (actancial, temporal e espacial) enunciativa, na qual as categorias da enunciação (eu, agora e aqui) são projetadas no enunciado; e a *debreagem* (actancial, temporal e espacial) enunciva, em que são projetadas as categorias do enunciado: ele, então e lá². É dessa maneira que sucintamente explica Fiorin:

Podemos distinguir, pois, no texto a enunciação enunciada e o enunciado enunciado. Aquela é o conjunto de elementos linguísticos que indica as

² Além disso, há também a operação da *embreagem* (enunciativa e enunciva) que não será aqui tratada, mas cujo fenômeno pode aparecer nos discursos a serem analisados. Para um maior conhecimento sobre as operações da enunciação, remetemos à já clássica obra de Fiorin (1996).

pessoas, os espaços e tempos da enunciação, bem como todas as avaliações, julgamentos, pontos de vista que são de responsabilidade do eu, revelados por adjetivos, substantivos, verbos etc. O enunciado enunciado é o produto da enunciação despido das marcas enunciativas (FIORIN, 2008, p. 138).

Em uma definição muito bem colocada por Landowski, observamos como a relação entre enunciação e enunciado se define pela implicação mútua: “(...) a ‘enunciação’ não será, pois, nada mais, porém nada menos tampouco, que o ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser; correlativamente, o ‘enunciado’ realizado e manifestado aparecerá, na mesma perspectiva, como o objeto cujo sentido faz o sujeito ser” (LANDOWSKI, 1992, p. 167).

Por isso, podemos examinar as posições enunciativas por meio dos enunciados proferidos. Segundo Bertrand (2003, p. 112) “(...) esses meios controlam os modos de acesso à significação para o leitor. As seleções operadas orientam a apreensão do sentido e dos valores”. O modo de presença do enunciador pode variar conforme o tipo textual que ele produz, segundo proposta de Bertrand (2003). Diferentes conceitos dão conta de explicar a presença do enunciador ou o seu apagamento, maneiras de conduzir uma narrativa, descrever certas características de um objeto, argumentar e revelar um posicionamento sobre determinado assunto. Assim, na narrativa, a focalização (zero, interna ou externa) determina o modo como a narração é contada. Ainda no mesmo tipo de texto, a perspectiva determina o destaque dado a uma personagem e a seu percurso em detrimento de outros a partir das escolhas do narrador. Já o texto descritivo se fundamenta na relação entre observador e objeto, pois aquele elabora estratégias de apreensão deste, que também demandará posicionamentos do próprio observador. Já o texto argumentativo tem como característica efeitos de sentido de objetividade ou subjetividade e operações que determinam o percurso argumentativo do discurso (da tese à sua refutação, a proposição de uma nova ideia, partir do mais geral para chegar ao específico ou vice-versa) (BERTRAND, 2003)³.

Uma outra consequência das posições enunciativas é que elas podem nos indicar o lugar ideológico a partir do qual o enunciador, por meio do narrador ou do observador, veicula seus valores em relação ao outro, objeto de seu enunciado. Como Fiorin (1997) aponta, é por meio da organização figurativa que

³ Entendemos que a proposta do semioticista francês pode se revelar rígida quando confrontamos nosso objeto de análise. Por essa razão, recorreremos a esses conceitos na medida em que eles forem aparecendo, sem nos preocuparmos com a análise baseada em um tipo textual como ponto de partida.

temos acesso ao posicionamento ideológico do discurso e, conseqüentemente, do narrador e do enunciador.

Por essa razão, o narrador vai tecer comentários sobre o objeto que é tema de seu enunciado. O imigrante ora será somente um objeto do narrador, enquanto um ator do enunciado (interlocutor), sem qualquer efeito de autonomia; ora passará a ser um sujeito com autonomia parcial por meio da assunção do discurso, mas, ainda assim, no *fi*o discursivo controlado pelo narrador. A partir de outras escolhas, os meios de comunicação podem estabelecer efeitos de autonomia ao imigrante por meio de estratégias que suspendem as marcas de controle desse enunciado na totalidade maior da enunciação. O narrador pode, também, aproximar-se ou se afastar, julgar, descrever, observar, sentir algo bom ou ruim, como o simulacro da experiência que se torna discurso de seu ser. No entanto, mesmo quando o narrador dá a voz para o imigrante, ele se apagado do enunciado, mas continua presente na enunciação, controlando outras questões enunciativas, como pretendemos demonstrar.

A seguir, veremos como funcionam essas relações entre enunciação e enunciado, tendo por base a construção da imagem do imigrante boliviano.

2. Pontos de vista sobre os imigrantes

Para tratar da representação do imigrante boliviano nos meios de comunicação, podemos pensar que as narrativas sobre o imigrante boliviano são organizadas por um narrador, que é o responsável por selecionar os principais *fatos*, dar voz às demais personagens (bolivianos ou não) e estabelecer uma ordem cronológica e uma hierarquização de valores a respeito do assunto. Dentre os principais temas que estruturam o universo de sentidos da imigração boliviana, identificamos ao menos dois: o do trabalhador e o da ilegalidade. A partir desses temas, observamos diferentes modos de os figurativizar e de estabelecer a relação entre o narrador e o narrado.

Do distante ao próximo, algumas posições enunciativas podem ser depreendidas entre narradores que reportam a presença do imigrante boliviano nos meios de comunicação. O primeiro é um *observador-espectador* que, por meio de estratégias discursivas, procura se aproximar de uma ideia baseada no senso comum a respeito da imparcialidade e da objetividade dos discursos dos meios de comunicação. O observador, neste caso, é o responsável pelos efeitos de sentido de neutralidade e de afastamento. Essa instância elabora seu discurso como se fosse uma mera descrição do que foi visto, com uma focalização externa, sem se envolver com a situação do imigrante boliviano e sem aparentemente realizar

uma sanção. De um modo geral, esse observador apenas procura relatar a situação de irregularidade dos imigrantes bolivianos e a precariedade de suas condições no Brasil, uma vez que ele pode ser considerado um *observador assistente* (BERTRAND, 2003), como podemos notar nos seguintes trechos:

Em setembro, blitz realizada por procuradoras do Trabalho encontrou bolivianos em situação irregular e submetidos a jornadas diárias de até 16 horas, em ambientes sem higiene e que ofereciam risco à segurança em oficinas de costura do Pari (centro) e da Barra Funda (zona oeste) (TRABALHO..., 2007).

Após investigar redes de varejo e confecções que contratam bolivianos em situação irregular e em condições degradantes de trabalho, o MPT (Ministério Público do Trabalho) de São Paulo vai fiscalizar lojas e fabricantes do Bom Retiro (TRABALHO..., 2007).

Neles [nos Termos de Ajustamento de Conduta], os empregadores se comprometeram a não contratar mais estrangeiros em situação irregular e a não submetê-los a condições degradantes de trabalho, como jornadas excessivas em locais que oferecem risco à saúde e à segurança (ROLLI; FERNANDES, 2007a).

Em São Paulo, as ocorrências de trabalho degradante envolvem principalmente dois setores: têxtil e construção civil. Por dia, de 30 a 40 bolivianos chegam ao centro da cidade para trabalhar em confecções, segundo entidades envolvidas no combate (ROLLI, 2012).

Ao menos dez redes de varejo que já usaram mão de obra de bolivianos, irregulares no país e que trabalham em condições degradantes, de forma indireta (com sistema de terceirização da cadeia produtiva de costura), receberam autos de infração ou estão sendo investigadas (ROLLI, 2012).

No nível discursivo, o imigrante boliviano, enquanto um ator do enunciado, comporta o papel temático do trabalhador imigrante, o que revela um cruzamento de dois papéis temáticos: o que determina sua origem nacional (ser boliviano) e o que se refere ao seu fazer (trabalhador). Sendo um sujeito do fazer, sua ação está circunscrita a uma programação (LANDOWSKI, 2014), sempre voltada ao trabalho rotineiro e sua narrativa pouco pode variar em torno desse tema. Nos trechos anteriores, o imigrante boliviano é representado como um trabalhador explorado, sem as mínimas condições de trabalho digno e de uma

vida decente. A questão que desejamos nos ater, neste exemplo, é o modo como a reportagem articula essa representação no discurso que circula por meio de um veículo de comunicação.

Os trechos acima mostram uma ancoragem temporal (setembro) e espacial (São Paulo, Pari, centro da cidade) que o observador organiza. De todo modo, a debreagem enunciativa serve apenas para descrever, como já foi dito, a situação irregular do imigrante boliviano no Brasil e sua situação degradante no ambiente de trabalho. Não há qualquer comentário mais subjetivo sobre o procedimento das empresas de confecção, tampouco qualquer avaliação sobre a vida que os imigrantes possuem no país. Ao contrário, há o uso de expressões cristalizadas no imaginário relacionado à imigração, como “situação irregular”, “ambientes sem higiene”, “condições degradantes de trabalho”, “trabalho degradante”, entre outras, que objetificam a situação do imigrante boliviano sem diminuir a distância entre o observador e os sujeitos que ele descreve.

Descrever talvez seja, justamente, o verbo que melhor caracteriza o observador: a descrição presente nos fragmentos acima revela como a sua distância pode se converter em uma indiferença em relação às condições de vida do boliviano em São Paulo. O uso das expressões cristalizadas mostra, assim, a falta de uma participação mais próxima em relação ao que é descrito, até porque se indica que muito do que foi descrito é fruto de informação de outrem (“segundo entidades envolvidas no combate”).

O observador mantém uma distância tão grande em relação ao boliviano que ele parece estar segregado (LANDOWSKI, 2002) da própria cena que descreve sem demonstrar muito interesse. O observador reforça, assim, uma espécie de efeito de profissionalismo na postura do sujeito da enunciação. O importante é a notícia pela notícia. Por isso, há trechos que mostram os trabalhadores imigrantes bolivianos submetidos a uma situação análoga ao trabalho escravo, em sua concepção moderna, mas sem qualquer sinal de indignação ou de revolta por parte dessa voz.

Em suma, o observador encara o imigrante boliviano como um objeto que, enquanto for útil, pode ser preservado. Em outras palavras, o observador continuará apenas a descrever o que ele vê (as condições de trabalho e de subsistência do imigrante boliviano), com um mínimo de constatação (sempre com os mesmos qualificativos: “irregular” e “degradante”) que sua distância permite dizer, sem se envolver, mesmo superficialmente, com a situação.

Ainda em relação a esse tipo de observador, encontramos reportagens que tratam de outro conjunto discursivo caracterizado pelo efeito de sentido de objetividade: o universo jurídico. Nesse caso, pouco se fala ou se quer saber

sobre as condições de vida e de trabalho do imigrante. Interessa apenas falar se os imigrantes estão ou não em situação juridicamente legal no país e, por vezes, se alguma empresa está cometendo algum ato irregular do ponto de vista das leis. Atrelado à isotopia temática do discurso, esse observador entende que o imigrante boliviano é apenas um *fora-da-lei* ou um *dentro-da-lei*. Nada mais do que isso:

‘A lei (do SUS) é para quem cumpre a lei, e essas pessoas entraram de forma irregular’, diz Cunha. ‘Não poderiam estar aqui, mas uma vez que estão, precisam ser incorporadas ao sistema de saúde. Estamos estudando um jeito de fazer isso’.

Se forem pegos, arcarão com uma multa de R\$ 838, mais a ajuda de advogados que a Pastoral costuma oferecer, e terão três dias para deixar o país ‘A maioria desaparece na cidade e continua aqui’, diz Ruth Kadluba.

Pela lei, só pode permanecer no país quem tem um visto, quem tem um filho brasileiro ou se casa com brasileiro. Para não correr riscos, a gravidez não conta com pré-natal, diz a advogada. E quando o pedido de permanência é encaminhado à Polícia Federal, a família recebe uma ‘visita social’ dos policiais. ‘Todos os ilegais que moram ali acabam tendo que se mudar com medo da tal visita’ (BIANCARELLI, 2003).

A dimensão jurídica, nesse caso, é fundamental porque ela determina se a presença do imigrante boliviano deve ser aceita e preservada ou se é preciso excluir o imigrante (LANDOWSKI, 2002). Nesse sentido, começa-se a construção de uma determinada imagem do imigrante (e do imigrante boliviano em particular): se não estiver adequado ao universo legal, sua presença parece se constituir como um problema para o Brasil e, em particular, para a cidade de São Paulo. Esse ponto de vista não trata do *problema do imigrante boliviano*, mas do *imigrante boliviano como problema* para o país e para a cidade. Se surge uma resolução do problema (como desbaratar oficinas de costura clandestinas ou autuar empresas que exploram o trabalhador imigrante), o benefício gerado ao imigrante boliviano é apenas uma consequência secundária (e talvez nem mesmo prevista ou desejada) da resolução do principal problema visto por esse observador. Dessa forma, pode-se dizer que a ideia de que o imigrante é um problema para São Paulo e para o Brasil está ligada (ao menos inicialmente) à condição juridicamente irregular do boliviano no país.

Esse observador, diante de imigrantes indocumentados (para ele, simplesmente “ilegais”), quer vê-los expulsos do país, tal como *reza* a lei. Em outras

palavras, esse observador não tem qualquer princípio moral fora da justiça e, se for preciso excluir o imigrante boliviano do espaço nacional por estar sem os documentos necessários para sua permanência, é isso o que deverá ser feito, independentemente de outras questões envolvidas. Parece ser esse o observador que mantém a maior distância em relação ao imigrante boliviano porque a presença dele, e possíveis interações, são mediadas somente na esfera jurídica.

Em ambas as isotopias (trabalhista e jurídica), o observador parece ter um mesmo princípio: o que importa é a utilidade do imigrante boliviano para o processo econômico no qual está inserido, como a peça de uma grande e invisível engrenagem. Assim, o imigrante boliviano é visto como uma peça jurídica cuja utilidade deve ser medida pelos desígnios da lei ou uma peça trabalhista que pode ser facilmente reposta em caso de desistência, abandono ou morte. Nesse sentido, o observador que desenvolve a isotopia jurídica não dá muitas margens para narrativas ou emoções, pois sua principal valorização é ser prático (FLOCH, 2009): ou o imigrante boliviano está em situação regular ou está de forma ilegal no país, ou ele serve para o trabalho ou deve ser substituído por outro trabalhador que aceite as péssimas condições de trabalho impostas pelo empregador-explorador.

Quando uma reportagem apresenta um discurso com características próximas a de uma narrativa, esse actante da enunciação muda de função e passa a ser um narrador propriamente dito. O discurso vai, assim, apresentar mais informações sobre o imigrante boliviano, tal como se a história dele se constituísse quase como um romance (naturalista ou realista). O que se quer dizer conceitualmente com essa ideia é que outra instância da enunciação procura reconstruir (ou mesmo construir discursivamente) as etapas da história do imigrante boliviano, seja para chegar ao Brasil, seja para mostrar como ele vive em São Paulo. Esse narrador não se resume a simplesmente descrever a situação, pois procura retomar temporalmente etapas anteriores para, talvez, explicitar uma relação causal da situação do imigrante boliviano em São Paulo, assim como as transformações vivenciadas por ele, tal como é possível observar nos trechos abaixo⁴:

Estima-se que eles sejam 400 mil só em São Paulo, 240 mil deles ‘indocumentados’, nome dado àqueles que estão em situação irregular. Falam espanhol, guarani, quíchua ou aimará, línguas dos Andes bolivianos e peruanos. // Muitos vieram, em travessias “clandestinas”, direto para oficinas de costuras da região central de São Paulo. Num mesmo espaço, eles

⁴ As barras significam mudança de parágrafo.

comem, dormem e trabalham – às vezes 16 horas por dia. // Eles formam a comunidade latino-americana que vive em São Paulo, onde predominam os bolivianos, paraguaios, peruanos, colombianos, chilenos. Mais recentemente começaram a chegar também os argentinos. // Sem documentos, camuflados nas multidões do centro, eles evitam as instituições e serviços públicos em que precisem apresentar os “papéis” que não têm. Para serem atendidos nos serviços de saúde, dependem da boa vontade dos funcionários. E, da mesma forma como “escapam” da polícia, também “escapam” dos serviços de vigilância epidemiológica (BIANCARELLI, 2003).

O processo em São Paulo guarda semelhanças estruturais com o trabalho escravo no campo. // Há a figura do ‘gato’ (agenciador da mão-de-obra [sic] temporária no campo), que atua no Brasil – com os ilegais que vieram por conta própria – ou ainda na Bolívia. Lá, promete emprego com bons ganhos. Banca os custos da viagem – que devem ser pagos com o trabalho: é chamado vínculo por dívida (MIGRANTES..., 2004).

Eles chegaram juntos ao prédio do Ministério do Trabalho em São Paulo, homens, mulheres, crianças e até um bebê com um mês de vida. // Não conversaram nem entre si, mantinham a cabeça baixa. Tirando as crianças, eram 28 bolivianos considerados trabalhadores ilegais, aliciados em La Paz para trabalhar em uma oficina de costura de fundo de quintal (GRUPO..., 2013).

Pelo trecho acima, é possível especular sobre uma maior preocupação do sujeito da enunciação em relação às condições do imigrante. Esse *narrador externo* (BERTRAND, 2003) pode ser caracterizada por um maior número de detalhes (como os idiomas falados pelos imigrantes), a ausência de expressões ou adjetivos cristalizados (como o “degradante” e o “irregular”, mencionados anteriormente), interpretações sobre outros atores envolvidos na “cena” (como em: “dependem da boa vontade dos funcionários”). Em outras palavras, esse narrador organiza o universo cognitivo atrelado ao imigrante, aproxima-se para conhecer e narra etapas pelas quais o imigrante passa, seja em uma perspectiva mais ampla (o primeiro trecho), seja um ato mais corriqueiro (como a chegada ao prédio do Ministério do Trabalho, no terceiro trecho).

Entretanto, mostrar-se mais preocupado em retomar o percurso (histórico, social, de vida) do imigrante boliviano não significa, automaticamente, encarar de modo positivo a presença deles em São Paulo. É o caso da reportagem que trata da falta de suporte da saúde pública para os imigrantes sem documentos no

país. O narrador apresenta, no primeiro trecho, algumas peculiaridades, como a explicação dada ao adjetivo *indocumentado* (como para dizer que é uma outra forma de se referir à situação ilegal dos imigrantes) e a generalização (como se a comunidade latinoamericana fosse constituída somente por imigrantes sem documentação e por pessoas vindas da região andina da América do Sul). Desse ponto de vista, o uso de alguns léxicos determina, se não uma recusa em relação ao imigrante, ao menos uma certa resistência em aceitá-lo como um cidadão que deveria ter seus direitos reconhecidos. Além disso, há uma caracterização de personagem dos imigrantes, como se eles estivessem constantemente tensos por precisarem se esconder da polícia para não precisar escapar dela, tal como um romance policialesco (“camuflados nas multidões do centro”).

No caso do narrador, ele parece estar muito mais próximo à situação do imigrante boliviano, em comparação com o observador anteriormente descrito, a ponto de às vezes compartilhar seus problemas, às vezes preocupado em emitir sua opinião sobre o outro. Em outras palavras, o narrador está lado a lado com o imigrante boliviano, em uma posição mais próxima, mas sem perder de vista que seu papel é o de apenas relatar, não somente de modo objetivo, os problemas vivenciados pelos bolivianos.

Em suma, ele conhece a realidade da vida e as dificuldades do imigrante boliviano. Por isso, o verá quase como um herói que saiu de seu país para fugir da fome, da miséria e da possível morte, ultrapassando uma série de obstáculos e de dificuldades para chegar à São Paulo e conseguir um emprego precário e uma vida muito difícil (mas com menos problemas do que em seu país de origem). Esse narrador mais próximo não vê o imigrante boliviano como um objeto (geral ou regido pela lei), mas como um sujeito. Contudo, é possível que ele veja o imigrante boliviano mais como um personagem de ficção do que como um humano dotado de razão, atravessado por paixões, que sofre e vislumbra melhorias em sua própria vida.

No entanto, na relação biunívoca entre enunciação e enunciado, há uma possibilidade de se mostrar ainda mais próximo da chamada realidade do imigrante boliviano e a representar de um modo completamente diverso do narrador e do observador anteriormente mencionados. Esse outro narrador, que cumpre a função de interlocutor, uma vez que o narrador lhe dá a voz, entende que o imigrante boliviano é, antes de tudo, um ser humano e deve ser tratado como tal. É uma espécie de defensor de melhorias na vida do imigrante, pois conhece a realidade degradante na qual o boliviano está inserido e as condições insalubres às quais ele está forçosamente submetido. O mais importante de tudo isso é que esse narrador apresenta uma postura que podemos chamar de humanista, pois

deixa claro que quer e tenta ajudar o imigrante boliviano. Esse narrador encara o imigrante como uma minoria que está desprotegida, desabrigada e carente (tanto no sentido material como afetivo), sendo sua obrigação moral (ou sua vontade) ajudá-lo a sair daquela situação.

Nesse caso, a narrativa, em geral, apresenta detalhes e informações que somente poderiam ter sido repassados pelos próprios trabalhadores bolivianos ou por um olhar que *mergulhasse* no ambiente de trabalho dos imigrantes. Esse narrador chega a colocar em dúvida a validade da própria lei diante de algo que poderia ser considerado maior ou pelo menos prioridade para eles: a dignidade do imigrante boliviano.

‘É o ciclo do medo’, diz a advogada Ruth Myrian Camacho Kadluba, filha de paraguaios e que há dez anos oferece assessoria jurídica na Pastoral do Migrante. ‘Eles temem que, uma vez doentes, com tuberculose, por exemplo, alguém da saúde vá até a oficina e constate que as instalações não são adequadas. O agente terá então que avisar o Ministério do Trabalho, que, por sua vez, informará a Polícia Federal’ (GRUPO..., 2013).

‘Como temem serem denunciados à Polícia Federal, eles se sujeitam a qualquer trabalho. Recebemos em média 30 denúncias por mês. São bolivianos que contam que tiveram os documentos apreendidos, relatam receber R\$ 50 por mês e temem denunciar os patrões por sofrerem ameaças’ diz Paulo Illes, coordenador-geral do Centro de Apoio ao Migrante (MÃO..., 2007).

A próxima reunião entre a comunidade, a prefeitura e a pastoral acontece amanhã. ‘Nossa preocupação é com a saúde, não com os papéis dessas pessoas’, diz Cláudio Luiz de Oliveira, que representa a Secretaria da Saúde nessas reuniões. Para a Pastoral do Migrante, o problema não existiria se a lei fosse modernizada. ‘É a lei que cria os ilegais’ (BIANCARELLI, 2003).

‘É um problema da globalização econômica. A desigualdade regional faz com que as pessoas migrem em busca de uma situação melhor’, diz Sérgio Suiama, procurador do Ministério Público Federal de São Paulo. ‘É preciso discutir políticas migratórias, rever o estatuto dos estrangeiros e garantir a esses trabalhadores direitos fundamentais básicos, como o direito ao trabalho’ (ROLLI; FERNANDES, 2007b).

‘Dessa forma, podemos evitar que os bolivianos cumpram jornadas de até 18 horas, recebam centavos por peça e sejam submetidos a condições

desumanas de trabalho’, diz Paulo Illes, coordenador do centro (ROLLI; FERNANDES, 2007a).

Para Márcia Ruiz, delegada e representante do comitê paulista de combate ao tráfico de seres humanos, a ação não deve ser apenas policial. ‘É uma questão social complexa, porque os bolivianos irregulares não querem retornar porque dizem que aqui não passam fome. É preciso conscientizar os que estão sendo explorados e que todas as entidades envolvidas ajam de forma conjunta’ (ROLLI; FERNANDES, 2007b).

Antes explorados por patrões sul-coreanos, os bolivianos agora são subordinados a compatriotas que conseguiram se regularizar e montar oficinas. ‘Eles não se consideram vítimas de exploração’, diz José Márcio Lemos, da Delegacia de Imigração da PF em São Paulo (ROLLI; FERNANDES, 2007b).

‘Os bolivianos fazem jornadas muito acima da lei [permite até dez horas diárias], ganham centavos por peça produzida e moram no local de trabalho. São vários adultos e crianças alojados em um mesmo cômodo, muitas vezes sem ventilação, com fiação aparente oferecendo riscos’, afirma a procuradora Vera Lúcia Carlos (ROLLI; FERNANDES, 2007b).

‘O local de trabalho se misturava ao de moradia das famílias, das crianças, sem espaço de refeição, com instalações elétricas precárias, sem condições sanitárias adequadas, sem ventilação. Faltam condições dignas de trabalho’, diz Renato Bignami, chefe da fiscalização do MTE em São Paulo (ROLLI, 2010).

Esse narrador estabelece um outro quadro de valores, no qual coloca, antes de tudo, a preservação da dignidade humana. Mais detalhadamente, o narrador usa um modo diferente de apresentar temas apreciados sob outros pontos de vista. O primeiro é o do medo e da preocupação do imigrante em relação à sua situação precária no país (ao invés de se desenvolver o medo que se pode ter do imigrante boliviano). O tema seguinte é o dos limites da lei no Brasil e a sua necessidade de revisão. Nessa perspectiva, pode-se ver no trecho acima que há uma “preocupação” com o imigrante e a percepção da necessidade de dar a ele uma “situação melhor” do ponto de vista jurídico e material. O terceiro tema é o da exploração do trabalho, que também aparece na voz do *observador*, mas aqui é representado de outra forma, com o uso de outros léxicos, como “questão social complexa”, “explorados”, “exploração” e “condições desumanas” (no lugar

de “trabalho irregular e degradante”). Por fim, a descrição dos locais de trabalho do boliviano também é organizada de modo distinto. Os detalhes das descrições (nos dois últimos trechos acima) mostram que a perspectiva é a de um sujeito muito mais próximo ao imigrante boliviano, tendo uma experiência vivida muito mais parecida com a do estrangeiro do que se pode inferir nas demais vozes.

Nas reportagens examinadas, o primeiro tipo de narrador pouco se coloca na perspectiva humanista, cabendo esse papel, no coro em torno do imigrante boliviano, a outros atores debreados no discurso⁵. Supõe-se que o narrador mais próximo tente se colocar no lugar do próprio imigrante boliviano para sentir *na pele* os problemas pelos quais o imigrante boliviano passa há muito tempo.

Uma abordagem mais “solidária” e utópica (FLOCH, 2009) é apresentada por esse narrador mais próximo. A forma como o boliviano é explorado no trabalho, como é discriminado pelos outros, como não é atendido no sistema público de saúde, como se ressentido de uma maior integração na sociedade brasileira são apenas algumas das preocupações do humanista em relação ao imigrante. Seus valores são, fundamentalmente, existenciais, na medida em que o que está em jogo é lutar por uma vida minimamente digna para um ser humano igual a ele e a nós. Por essa razão, ele conhece os problemas do imigrante boliviano desde antes de sua chegada. É possível dizer, talvez avançando em demasia a análise, que o humanista consegue se colocar no lugar do imigrante boliviano para vivenciar um simulacro das agruras pelas quais ele passa antes e quando está em São Paulo. É por isso que para ele a lei não importa, sobretudo quando ela vai contra o ser humano.

Os pontos de vista depreendidos das reportagens apresentam diferentes modos de se relacionar e de ver (do mais próximo ao mais distante, do mais passional ao mais racional) o imigrante boliviano. Contudo, o conjunto não é exaustivo. Um exame mais detido em um número maior de discursos midiáticos certamente mostra outros modos de se colocar em relação à alteridade. De qualquer maneira, optamos por analisar, na próxima seção, como a fala do imigrante boliviano é articulada no discurso midiático.

3. De objetos a sujeitos discursivos

O imigrante pode ser inserido em discurso como um objeto ou como um sujeito. De um lado, a operação de debragem enuncia instaura o imigrante como um *ele* que pode pensar, sentir e agir, mas sempre *controlado* pelo enun-

⁵ Com o exame de uma mídia mais engajada, do ponto de vista social, talvez essa “voz” seja encontrada com mais frequência no discurso dos próprios jornalistas.

ciador e pelas suas escolhas. De outro, o imigrante é instaurado no discurso por meio de uma debreagem enunciativa de segundo grau, assumindo uma aparente autonomia sobre sua fala, mas que ainda assim é *selecionada* (ou ao menos traduzida) pelo enunciador.

Essas possibilidades produzem dois tipos distintos de discursos que envolvem a figura do imigrante. Há um *discurso sobre o imigrante*, quando a debreagem enunciativa é predominante. E há um *discurso do imigrante*, cuja operação principal é a debreagem enunciativa na qual ele se assume como sujeito (*eu*) de sua fala. Dessa forma, o imigrante boliviano só se torna um sujeito aparentemente pleno na medida em que ele passa a ter sua própria voz para elaborar seu discurso.

No entanto, a debreagem enunciativa de segundo grau nas reportagens visa, de um modo geral, a produzir um efeito de sentido de realidade e de veracidade, na medida em que aponta para a fala do próprio imigrante, ou seja, a “personagem” principal da narrativa contada. Quando é transcrita a fala do imigrante, nas reportagens selecionadas, elas são apenas pontuais e intercaladas pelo narrador. A autonomia delas é, então, limitada pela *coerção* do narrador, que as orienta e modula-as na linearidade do texto. Em outras palavras, as falas dos imigrantes parecem estar mais associadas à ideia de que é preciso os fazer contar sua situação imediata e objetiva, como se pode observar nos trechos abaixo:

Já aqui, o esquema é quase de confinamento. Mora-se na própria oficina. Não há coerção armada, mas ameaças: se saírem, podem ser pegos e deportados. ‘Não recebia salário. A dona da lavanderia em que trabalhava me dava vales de vez em quando’, conta Maria (nome fictício), que ficou dois anos trabalhando mais de 16 horas por dia. Hoje, legalizada, tem carteira assinada. // ‘Eu nunca saía, com medo de ser pega. A dona falava isso. Em dois anos, o que eu conhecia da cidade era o Barateiro’, lembra (MIGRANTES..., 2004).

‘Fomos contratados pela confecção Milton Borges Ferreira para fazer parte dos coletes [3.000] e já entregamos a encomenda’, afirmou, na ocasião, o boliviano Willy Perez Mamani, dono da oficina (ROLLI, 2010).

Cada um saiu do ministério ontem com uma carteira de trabalho novinha em folha e com um dinheiro inesperado no bolso – em média, R\$ 25 mil. ‘Ganhamos na loteria’, disse um, comemorando timidamente (GRUPO..., 2013).

Bolivianos que estão irregulares no país e trabalham em condições insalubres relataram à reportagem que preferem trabalhar dessa forma a ‘passar fome em seu país’. ‘Aqui pagam pouco, não tem registro em carteira. Mas é melhor do que lá’, diz Juan (o nome é fictício porque teme sofrer represálias). Ele afirma cumprir jornada das 7h às 22h, de segunda a sexta. Aos sábados, trabalha das 7h às 12h. Recebe R\$ 0,50 por peça costurada e envia parte do pagamento à família (MÃO..., 2007).

A Folha, que acompanhou a fiscalização, conversou com vários bolivianos. Nenhum domina ainda o português, apesar de alguns estarem em São Paulo há vários anos. // ‘É que só falamos entre nós mesmos. Não procuramos nos relacionar com os brasileiros’, diz M., 37 (nenhum nome será divulgado a pedido dos trabalhadores). Isso garante a discrição e a clandestinidade da operação. // Homens e mulheres dividem o trabalho na oficina. Segundo uma família, essa é uma grande vantagem da contratação de bolivianos. ‘Na tradição indígena *aymará*, os homens participam dessas atividades que exigem grande delicadeza manual. Eles são grandes tecelões’, disse a mulher P. enquanto cuidava do filho pequeno (GRUPO..., 2013).

Ocorre, nos trechos acima, uma continuidade temática entre o que narrador diz e a fala dos imigrantes bolivianos. Assim, a fala do imigrante boliviano se resume a reafirmar ou a continuar o que o narrador está descrevendo em sua reportagem. Mesmo quando parece haver uma pequena mudança temática (como no último trecho acima), com o imigrante fala da tradição *aymará* da relação entre a tradição e a capacidade de trabalho do imigrante boliviano, ocorre apenas uma justificativa do trabalho manual nas oficinas de costura (tema da reportagem) e não um real interesse pela particularidade de sentidos e práticas próprias dos imigrantes.

Uma exceção a essas representações está presente na *Revista da Folha*, de 2007, em que aparece o texto de um casal de imigrantes bolivianos. Uma possível hipótese para se explicar as representações dos imigrantes bolivianos pode estar na questão do gênero discursivo. Como boa parte das reportagens selecionadas integra cadernos como Cotidiano e Economia, uma publicação como a *Revista da Folha*, que é semanal e apresenta reportagens não voltadas para fatos e acontecimentos diários, pode mostrar uma imagem um pouco diferente (talvez mais elaborada) dos imigrantes bolivianos, ainda atrelados ao trabalho análogo ao escravo, mas com uma voz autônoma, segundo os trechos abaixo.

Aqui, pelo menos há emprego

Estamos no Brasil há um ano. Deixamos dois filhos, um de três anos e outro de cinco, em La Paz, com a avó. Vendemos tudo para vir para cá, todos os móveis. A economia está muito ruim na Bolívia, não há emprego, e fomos recrutados para trabalhar em uma oficina de costura de outro boliviano em São Paulo. Ofereciam casa, comida e salário de R\$ 300. O Brasil representava oportunidade.

Pegamos um ônibus em Santa Cruz de La Sierra e desembarcamos em Ciudad del Este, no Paraguai. Atravessamos a ponte da Amizade caminhando; por causa do grande volume de gente, é o meio mais fácil de entrar no Brasil. De lá, pegamos um ônibus até São Paulo.

Chegamos com US\$ 300 no bolso e fomos para a costura. Trabalhávamos das 7h à 1h da manhã, ganhando R\$ 0,40 por peça. O horário normal era das 7h às 22h, mas, para ganhar mais dinheiro, ficávamos até a 1h. Estamos acostumados a trabalhar bastante. Na Bolívia temos a mesma carga horária, a diferença é que lá ganhamos o equivalente a R\$ 50 por mês. Aqui, pagam R\$ 300.

Só que tivemos muitos problemas. O ambiente era muito pequeno e fechado e pegamos tuberculose ganglionar, tive que ficar sem trabalhar. Fui atendido no hospital público, mas eles só deram o diagnóstico, não quiseram fazer o tratamento. Pedi ajuda à igreja e me encaminharam à Pastoral do Imigrante, que me ajudou a conseguir tratamento médico e nos levou para a Casa do Migrante, onde comemos e dormimos hoje.

É tudo difícil, mas pelo menos aqui há emprego. Em último caso, dá para vender refrigerante na rua. E R\$ 1 vale 3 bolivianos (moeda local) - é muito para nós.

Meu sonho é ficar no Brasil legalmente, trazer meus filhos. Não quero mais aquelas condições de trabalho que tinha na fábrica de roupas, quero um emprego digno e para isso preciso dos documentos. Sei que, para tirar o visto permanente, precisaríamos ter um filho no Brasil, mas, quando minha mulher teve o segundo filho na Bolívia, o médico falou que ela não poderia engravidar nos próximos dez anos. Então, essa é a nossa situação.

Gabriela*, 25, e Dario*, 24 o La Paz, Bolívia (GIANNINI, 2005).

É possível ver que o texto acima apresenta diferenças significativas em relação aos outros examinados, a começar pelo uso da primeira pessoa (do plural). Assim, os imigrantes bolivianos assumem-se como sujeitos cuja fala apresenta autonomia em relação ao *narrador-jornalista*. É dessa forma que eles podem, por exemplo, retomar temas já mencionados em outras reportagens, mas os apresentam de forma mais subjetiva, na medida em que passaram por todas as situações e todos os problemas relatados.

Há uma retomada das condições de vida anteriores na Bolívia, a travessia e a oferta de um novo emprego no Brasil. A fala dos imigrantes bolivianos também realiza uma descrição das condições de trabalho e uma comparação entre a situação na Bolívia e no Brasil, como já foi visto. Eles mostram também os problemas pelos quais eles passam e a sua necessidade de ajuda. Por fim, eles também retomam o tema jurídico do visto ao mencionarem as limitações impostas pela lei e a possibilidade de não permanecer no país. Em suma, no fragmento acima, eles tratam dos mesmos temas desenvolvidos anteriormente por narrador e observador, mas com um enfoque distinto, muito próprio porque está ali sendo discursivizada a própria vida deles em relação ao Brasil, em um observador que é tratado como um *ator-participante*.

Apesar desses traços em comum, o último parágrafo mostra uma diferença significativa da fala dos imigrantes em relação às posições enunciativas nas reportagens. O imigrante, assim como qualquer sujeito, pode revelar seus projetos, desejos e planos como ninguém mais poderia fazer em seu lugar. Em outras palavras, somente o próprio imigrante pode fazer uma projeção em direção ao futuro com a elaboração de objetivos a serem alcançados a partir de desejos discursivamente explicitados.

Evidentemente, o efeito de autonomia na fala do imigrante deve ser relativizado, na medida em que ele também passa pelo crivo do enunciador. Desde a tradução da fala, até a sua disposição no conjunto discursivo do jornal ou da revista, a escolha ainda recai sobre um enunciador que não se identifica completamente com o imigrante. De qualquer forma, o efeito de autonomia sobre o qual insistimos em falar decorre da ideia de um discurso completo, de uma totalidade de sentidos coerentes a partir da qual se dá forma ao discurso do imigrante, conforme o exemplo anterior.

Conclusão

A presença do imigrante pode ser considerada boa ou ruim, benéfica ou maléfica, importante ou insignificante, a depender do imigrante que é sancio-

nado e de seus próprios valores. O exame dos modos de presença do enunciador faz parte de uma etapa da construção dos sentidos relacionados à presença do imigrante boliviano no jornal. Contudo, nessa orquestração polifônica, é preciso ainda ir além para se observar como os valores orientam cada voz e, em seu limite, podem também mostrar como a sociedade brasileira e paulistana encaram de diferentes modos a alteridade. Muitas das considerações valorativas a respeito do imigrante boliviano podem apresentar uma amplitude significativa, desde considerá-lo como um objeto qualquer que pode ser útil até o reconhecimento do ser humano que deve ser respeitado e ajudado.

Este trabalho procurou examinar os pontos de vista a respeito da imigração boliviana no Brasil. Esta é uma das maneiras de se observar como são veiculados valores a respeito da alteridade e sua aplicação em outras análises, sobre outros grupos imigrantes, pode confirmar ou não a validade de sua organização. Da construção do imigrante boliviano como um objeto até chegar ao seu caráter humano, passa-se pela lei e pela história (romanceada ou não). Temática e figurativamente, os pontos de vista tratam da questão de o imigrante boliviano estar de modo irregular no país, para dar mais destaque às condições de trabalho, até se contestar a própria lei por prejudicá-lo.

Do *discurso sobre o imigrante*, chegou-se também ao *discurso do imigrante* como parte de toda essa narrativa na qual o boliviano é a “personagem” principal. É nessa passagem entre os dois tipos de discurso que se pode chegar a uma ideia mais consolidada de autonomia da fala e do discurso que se opõe às coerções de um pretenso estereótipo do imigrante produzido pela sociedade brasileira.

Há, ainda, algumas ausências que devem ser mencionadas, pois elas significam muito. Pouco ou quase nada é mencionado a respeito de suas tradições, religião, cultura e língua. Ele é apenas entendido como um trabalhador submetido a condições adversas, dentro de oficinas de costura clandestinas. Em alguns momentos, a narrativa pode recuperar um fazer anterior que foi necessário para a sua chegada à cidade de São Paulo, mas o foco principal está mesmo na situação presente do imigrante boliviano. Outra dimensão geralmente deixada de lado é a passional. Apesar de ser explorado, viver em uma situação de precariedade constante, o imigrante boliviano não é apresentado como um sujeito que *sente e sofre* na (e por causa da) capital paulista, mesmo porque parece que sua existência está apenas fundada no trabalho, limite do interesse das reportagens veiculadas pela mídia impressa ou digital.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. de. **Teoria do discurso**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- BIANCARELLI, A. Ilegal, latino-americano vira 'sem-saúde'. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 16 mar. 2003. Caderno Cotidiano, página C7. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1603200320.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- FIORIN, J. L. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.
- FLOCH, J-M. **Sémiotique, Marketing et Communication**. Paris: PUF, 2009.
- GIANNINI, D. Brasil tem 1,5 milhão de imigrantes irregulares. **Revista da Folha** [on-line], São Paulo, 20 mar. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2003200529.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- GRUPO recebia R\$ 1,20 por calça e só falava entre si. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 23 mar. 2013. Caderno Mercado 2, página 3. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/99974-grupo-recebia-r-120-por-calca-e-so-falava-entre-si.shtml>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. São Paulo: Letras e Cores, 2014.
- LANDOWSKI, E. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida**. Campinas: São Paulo: Pontes; EDUC, 1992.
- MÃO-de-obra degradante migra para o interior de SP. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 30 set 2007. Caderno Dinheiro, página B5. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=17310&keyword=interior&anchor=5223141&origem=busca&pd=216500642a5c0f9eac88c706dc0e7d4c>. Acesso em: 06 fev. 2020.
- MIGRANTES latinos também são explorados. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 19 jul. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1907200416.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.
- ROLLI, C. SP quer fechar empresa que usar trabalho escravo. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 09 nov. 2012. Caderno Mercado, página B9. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/mercado/2012/11/1182821-sao-paulo-quer-fechar-empresa-que-usar-trabalho-escravo.shtml>. Acesso em: 02 fev. 2020.

ROLLI, C. Fiscais autuam fábrica de colete do Censo. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 20 out. 2010. Caderno Mercado, página B6. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me2010201020.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.

ROLLI, C.; FERNANDES, F. Varejo faz acordo sobre bolivianos ilegais. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 16 dez. 2007a. Caderno Dinheiro, página B20. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0912200716.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.

ROLLI, C.; FERNANDES, F. Até 1.500 bolivianos chegam por mês. **Folha de S. Paulo** [on-line], 16 dez. 2007b. Caderno Dinheiro, página B19. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1612200709.htm>. Acesso em: 02 fev. 2020.

TRABALHO no Bom Retiro terá fiscalização. **Folha de S. Paulo** [on-line], São Paulo, 18 nov 2007. Caderno Dinheiro. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1811200706.htm>. Acesso em: 02 fev 2020.

Recebido em 17 de fevereiro de 2020.

Aprovado em 07 de junho de 2020.